

Título: A dança em bases novas ou Béjart

Data da publicação: 29 de Maio de 1979. Belo Horizonte

Veículo: Jornal Diário da Tarde, Ano: 49; Nº 16. 630; Pág. 09



**A dança  
em bases  
novas  
ou**

# Béjart

Quando esteve no Rio, em 1963, Maurice Béjart não fez o menor sucesso. Apenas uns poucos iniciados nesta nova corrente de balé viram o ballarino francês, que dirigia uma grande claque belga, uma força nova no balé mundial. Agora, 16 anos depois, ele está novamente no Rio para uma temporada que começou vitoriosa no dia 22 e que vai até esta quinta-feira. Récitas extras tiveram que ser improvisadas, o Teatro Municipal do Rio vem recebendo um público caloroso que lota literalmente todos os seus lugares e que elegeu o novo rei da dança, com gritos de bravo e palmas, quando cantou mais de cinco canções no fim de cada ato.

Fui ver Béjart no domingo, em versão "Bolero". Tudo que se disse é válido e merecido. Béjart veio realmente revitalizar a dança, que coloca em bases totalmente novas. No programa, três números: "Mallarmé III — Tombau", com música moderna de Pierre Boulez. É um balé hermético, que reproduz a solidão do poeta que já se considera morto para o mundo. Para quem não consegue seguir a linha introspectiva e fantástica proposta por Béjart resta o consolo visual: o coreógrafo trabalha com linhas rigorosamente geométricas, estritas. Mas nem assim é uma obra fria — é talvez um pouco difícil, intelectualizada, mas ao mesmo tempo bastante poética.

O segundo número foi uma versão nova de *Petróvka*. Enquanto no balé russo a coreografia de Fokine conta o drama de marionete *Petróvka* que sente emoções humanas, no balé de Béjart é o homem a principal figura — buscando sua expressão, seu sentimento e do encantamento do bruto ao qual entrega sua alma. A hora de revelação é dolorosa, brutal mesmo. A Rússia original é apenas sugerida, a feira transforma numa festa, os cenários são apenas espelhos encimados por torres russas. A viagem é, assim, dentro de si, dentro de cada figura, dentro da concepção romântica do balé — e é uma maravilha.

O terceiro e último número trouxe o "Bolero" de Ravel. Não um bolero como nós conhecemos. Apesar de ser anunculado que Béjart apresentaria a segunda versão (um ballarino fazendo o papel da melodia, cercado por 38 mulheres), o que se viu foi a versão original, criada por ele em 1960. Shonack Mirk dominou a cena, encantou-se toda sensualidade, enquanto a música ia-se esfumando sobre si mesma, até um crescendo que explodiu no silêncio. Bonita a coreografia, fascinante o desempenho da ballarina colocada de malha no alto de um estrado vermelho, cercada por ballarinos que a desejam. Foi o número mais ovacionado da tarde, possivelmente por ser o mais fácil assimilação, apesar de apresentar uma proposta também nova. Pena Béjart não ter mostrado a segunda versão, quando o homem é figura central, quando a coreografia é a, sem nenhuma modificação, mas seria um impacto novo e um segmento normal de seu balé que realmente faz do ballarino o centro, a primeira figura.

Texto de Anna Marina